

UM SELO CISTERCIENSE NA BASE DO BRASÃO DO ANTIGO CONCELHO DE EIRAS (COIMBRA)

Saul António Gomes
CHSC – FLUC
sagcs@fl.uc.pt; saulggomes@gmail.com

ABSTRACT

This article focuses on a heraldic piece or coat of arms of the old municipality of Eiras (now part of the municipality of Coimbra), whose composition is based on the reproduction of a Cistercian matrix seal, associated with the abbey of Santa Maria de Celas de Guimarães (Coimbra), landlord of the village. Considerations are made, also, about the decipherment of its inscription and a plausible reading of it is proposed. The text concludes with an appreciation of the use of medieval sigillography elements in epigraphs resulting from the casting of bells.

Keywords: Heraldry; Cîteaux; Coimbra; Sigillography; Bells.

RESUMO

Considera-se, neste artigo, uma peça heráldica ou brasão do antigo concelho de Eiras (hoje integrado no município de Coimbra), cuja composição assenta na reprodução de um modelo matricial cisterciense, associável à abadia de Santa Maria de Celas de Guimarães (Coimbra), senhorio da antiga vila. Tecem-se considerandos acerca da decifração da sua inscrição e propõe-se uma leitura plausível da mesma. O texto conclui com uma apreciação do uso de elementos sigilográficos medievais em epígrafes resultantes da fundição de sinos.

Palavras-chave: Heráldica; Cister; Coimbra; Sigilografia; Sinos.

Na localidade de Eiras, antigo concelho de origens medievais, hoje sede de freguesia do mesmo nome e parcela administrativa integrante do concelho de Coimbra, no Terreiro da Fonte, ao lado de uma ampla igreja matriz dedicada a Santiago, encontra-se um fontenário monumental mandado construir pelo rei D. João V (PINHO 2008: pp. 401-403; RIBEIRO 2005).

Uma lápide exposta sobre o muro sobranceiro ao tanque da água, ornamentada por moldura de feição barroca, apresenta a seguinte epígrafe (Fig. 1):

ESTA . OBRA MANDOV . FA-
ZER . EL REI . DOM . IOÃO . V . DOS
SOBEIOS . DO CABESAM . DAS
SIZAS DESTA VILA DE EI
RAS . ANNO DE MDCCXXXIII

Interessa considerar que, por cima dessa lápide setecentista, se encontra uma pedra de armas de lavor mais antigo, tida como o brasão do concelho de Eiras. As insígnias do município, então, repetiam-se no respetivo selo concelhio. Uma memória histórica redigida, entre 1728 e 1741, por Fabião de Paredes, refere-se ao selo da câmara de Eiras nos seguintes termos:

«O Çelo da Camara he hua torga de Latão no meio tem uma Senhora com hũ Menino no braço direito sobre trez colunas que fazem hũ Altar e das ilhargas duas pyramides por fora de hũ Arco que a cerqua, em roda de toda esta targe cita hũ letereyro com as Letras seguintes:

S.I.G.L.D.V.H:D.O.H.K(?).V.E.N.V.S.D.I.V.I.T.(?).A(?).H.S.I.S.

E para que se veja com mais clareza vai esta relação cellada com elle no fim aqui estampado» (PINHO 2008: p. 155; p. 175 e p. 177).

A imagem estampada junto à descrição, publicada por João Pinho, é efetivamente idêntica à pedra-de-armas hoje patente no chafariz. Os caracteres transcritos por Fabião de Paredes, no século XVIII, todavia, não permitem uma leitura satisfatória. Seria de esperar que as siglas da legenda do selo concelhio correspondessem a algo como “Selo do Concelho de Eiras” ou alguma outra variante que afirmasse a autoridade jurídica municipal.

O exame atento da peça heráldica esculpida permite concluir que a legenda estava escrita em latim. São claras as abreviaturas de SIGIL- (Sigillum) e -VENUS (sugerindo a leitura do termo *Conventus* e não tanto a palavra *Concillii*, como seria mais lógico, aliás, num selo municipal antigo), todavia as demais letras não conjugam palavras evidentes e devem ter resultado de deficiente interpretação paleográfica já naquele tempo. Mas a decifração da legenda, efetivamente, deverá remeter a outra hipótese interpretativa.

Nessa pedra de armas apresenta-se, na verdade, a reprodução de um selo ogival de temática mariana, envolto por cartela preenchida por decoração frondosa, ao modo de grinalda de volutas, frequente em peças heráldicas tardo-quincentistas, abrindo com uma concha, no topo, e fechando com uma rosa na parte inferior. Dentro desta moldura floral, no campo do escudo de dupla ogiva, gótico, com fundo enxaquetado, aparece, dentro de um nicho ou retábulo de arcada trilobada, encimado por pequenos gorgulhos flamejantes, a Virgem Mãe, sem coroa nem véu, de túnica e manto envolvente preso por um belo fimal, com o Menino Jesus no seu braço esquerdo. Ladeiam a composição duas pequenas pilastras triangulares rematadas cada qual por um globo. No terço inferior da cena, sustentando a narrativa mariana, vêem-se três salientes colunas.

A composição, de matriz sigilográfica, como se referiu, apresenta uma legenda, em maiúsculas romanas, em que se pode ler:

SIGILDVH ~ C /
.... T ~ EHSIS

Uma boa parte do filactério encontra-se apagado. O canteiro, ou quem lhe forneceu os dados, parece não ter compreendido inteiramente a inscrição sigilográfica. As letras finais DVH deviam corresponder a -LVM (Sigillvm). O C que inicia a palavra seguinte, faz todo o sentido que fosse de C(onventus). Depois, o final da legenda, com um espaço vazio de permeio, com um -T ilegível, por não ter significado, lêem-se as letras -EHSIS.

Da impressão do selo que foi feita no manuscrito setecentista citado, publicada por João Pinho, parece possível ler-se ainda as letras RIE [Ma]Rie (?), sendo que as letras finais podem ser interpretadas como -ANIS e não -EHSIS. É nossa hipótese que possa corresponder, na matriz original, a [Guimar]ANIS ou [Gimar]ANIS.

Ou seja, estaremos perante uma reprodução ou adaptação, em pedra de armas, do selo conventual cisterciense de Santa Maria de Celas de Guimarães, de Coimbra, em uso certamente nos finais do século XV ou ao longo do século XVI. A leitura correta do selo ou da matriz deveria ter sido muito provavelmente a que aqui se propõe:

SIGILLVM ~ C[onventus Sancte Marie] /
[De CELLIS GUIMAR]ANIS
ou, em alternativa, [GIMAR]ANIS ou [VIMA]RANIS.

Corresponderia muito provavelmente, assim sendo, a um antigo selo do Convento de Santa Maria de Celas de Guimarães, abadia fundada pela Infanta D. Sancha, vindo as religiosas cistercienses a tornar-se justamente senhoras de Eiras por doação que lhes fez o rei D. Dinis em 1306 (MORUJÃO 2001: p. 67 e doc. 158, pp. 392-394). O concelho de Eiras tê-lo-á assumido, a dado momento, como matriz das suas próprias armas heráldicas e insígnias municipais. Se as armas heráldicas de Eiras fossem originalmente próprias, seria de esperar que o santo eleito da representação fosse o orago da freguesia, Santiago, e não Santa Maria.

Os selos conventuais de monges e monjas de S. Bernardo, todavia, eram sempre marianos. Obrigatórios, como se referiu, desde 1335, sendo que, de acordo com a normativa cisterciense, deveriam ser redondos e não ovais (GOMES 2007b; GOMES 2008). Mas com o tempo, foram adotadas outras formas, como poderá ter sucedido, e parece demonstrar-se, em Santa Maria de Celas de Coimbra¹. A composição corresponde ao quadro devocional cisterciense, profundamente mariano, mas também de devoção à Santíssima Trindade. Esta estará simbolicamente recordada nas três colunas que sustentam o retábulo ocupado pela Virgem Santa Maria, figura com modelação da tradição escultórica tardo-gótica coimbrã (Fig. 2 e 3).

A proposta de leitura que avançámos tem em consideração o conhecimento dos formulários sigilográficos correntes nas chancelarias de Cister em Portugal (GOMES 2007b; GOMES 2008). Na verdade, num selo do convento de Santa Maria de Celas de Guimarães (Coimbra), cuja composição segue já os ditames aprovados por Roma, em 1335, para as selagens da documentação das chancelarias das abadias cistercienses, vemos a Senhora sentada e coroada, entretecendo um diálogo maternal com o Menino Deus. A sua legenda, por seu lado, avança formulário proposto (Fig. 4):

1 Naturalmente que esta hipótese obrigará a explorar aprofundada e oportunamente a documentação produzida e chancelada por Santa Maria de Celas de Coimbra sobretudo depois de Quatrocentos.

S(igillum). CONVENTUS. DE CELLIS DE. GIMARANIS

A apropriação por parte de municípios portugueses medievos e modernos, nos seus brasões e insígnias, de heráldica senhorial, especialmente a régia, foi uma realidade (AZEVEDO 1897: pp. 3-7; COELHO 1934: pp. 246-250; TÁVORA 1983; COELHO 1996: pp. 563-565; GOMES 2005; GOMES 2012: pp. 107-114). Também no universo religioso cisterciense se descortinam apropriações, transferências e partilhas de iconografias de representação simbólica nos domínios da heráldica e da sigilografia (COCHERIL 1961; IGNACIO RODRIGUEZ 2018). Prática que se encontrará, por outro lado, noutros brasões de concelhos com senhorios eclesiásticos como terá sucedido, cremos, com o antigo município de Eiras.

O recurso a selos de chancelaria para usos epigráficos documenta-se igualmente na fundição sineira portuguesa medieval e moderna. Mário Barroca estudou já alguns desses casos, como sucedeu com a gravação sigilar no antigo sino, datado de 1292, do mosteiro cisterciense de Santa Maria de Almoester, onde aparece o selo de D. Berengária Aires, fundadora desse claustro (BARROCA 2000: n.º 421, pp. 1080-1081; TEIXEIRA 1992: pp. 110-113; SEBASTIAN 2008: p. 56; MENDES e HENRIQUES 2015: pp. 79-100)². No campo aparecem as suas armas heráldicas referindo a legenda:

+ SIGILLVM BERENGARIE . ARIE

Tanto no seu campo, quanto na legenda, é um selo inteiramente nobiliárquico e laico, escapando, assim e significativamente, de um ponto de vista do contexto histórico fundacional daquela abadia, aos padrões sigilares cistercienses, de maior simbologia espiritual, próprios dos cânones medievais³.

Num outro sino, com data de 1391, do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, foi gravado um *Agnus Dei*, reproduzindo a iconografia própria do selo conventual do mosteiro (DIAS e COUTINHO 2003: p. 148; SEBASTIAN 2008: p. 60; GOMES 2007a: pp. 1008-1009). Mais divulgado é o selo gravado, também no ano de 1391, num sino mandado fundir pela abadessa cisterciense de S. Bento de Cástris, D. Maior Pais. Sem omitir a referência à linhagem nobiliárquica da prelada, o selo conforma-se ao figurino gótico cisterciense, mostrando uma abadessa, com o hábito desta Ordem, o livro e o báculo. A sua legenda, escrita em português, refere:

SELLO DE DONA / MAIOR ABADESA

(BARROCA 2000: pp. 1934-1935; FRANCA e ROSA: 2020).

No sino do Mosteiro de Lorbão, produzido em 1487, foi gravado o selo do convento dessa abadia cisterciense, em uso já desde a década de 1340, com a Virgem, rainha dos Céus, com o Menino Deus sentado no braço, rodeados de caprúdeos, e a inscrição:

S(igillum) : CONVENTUS : MONASTERII : DE LORBANO

(BORGES 2001: estampas 68, 84 a 86, pp. 80 e 93-94).

² Penhoradamente se agradece ao Doutor Luís Miguel Rêpas todas as informações disponibilizadas sobre esta peça epigráfico-sigilar.

³ De notar que a legenda do selo gravado no sino não entronca na outra legenda que aparece, ainda que em caracteres unciais goticizantes, que diz: +MENTEM . SAncTAM . SPOnTANEm : HONOREm : DEO : ET PAT(ri)E . Liberacionem : + Era : M^a : CCC^a : XXX^a.

A aplicação de elementos sigilográficos medievos, geralmente num contexto de interpretação histórica do passado de uma instituição eclesiástica e numa atitude de resignificação dos elementos simbólicos a ele associados, nas (re)fundições de sinos, não foi uma prática exclusiva de claustros cistercienses.

Também num sino do mosteiro dominicano de Nossa Senhora da Vitória, da Batalha, fundido em 1784 por ordem do prior da comunidade, Fr. José de S. Tomás Vasconcelos (Fig. 5), se encontra uma gravação de tipologia sigilográfica, composta pelo escudo real sobre cruz de Avis (anterior, portanto à reforma heráldica real de 1485), suportado por uma figura tenente, talvez Santa Maria, e rodeado pela inscrição, em caracteres góticos minúsculos, seguinte: “*hac : est : victoria : qui : vinc[it] / mundum : fides : nostra*” (GOMES e REDOL 2014: p. 20-21). Trata-se de uma citação da I Carta de S. João 5, 4 “(...) *Et haec est victoria, quae vincit mundum, fides nostra*” (E esta é a vitória que vence o mundo, nossa fé), assaz apropriada ao título de Santa Maria da Vitória pelo qual este claustro real era designado nos seus primeiros séculos de existência.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes manuscritas

Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Mosteiro de Celas de Coimbra, maço 8, doc. 11

Estudos

AZEVEDO, Pedro de (1897), Alguns selos antigos do Concelho de Santarem, *Archeólogo Portuguez*, III, pp. 3-7.

BARROCA, Mário (2000), *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Vol. II. *Corpus Epigráfico Medieval Português*, tomo 2, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

BORGES, Nelson Correia (2001), *Arte Monástica em Lorvão. Sombras e Realidade. I. Das Origens a 1737*, vol. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

COCHERIL, P. Maur (1961), *L'héraldique cistercienne portugaise*, Braga.

COELHO, Constantino (1934), O Sêlo da Câmara de Braga, *Revista de Guimarães*, 44, Guimarães, pp. 246-250.

COELHO, Maria Helena da Cruz (1996), Concelhos, in SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira (Dir.), *Nova História de Portugal*. Vol. III: *Portugal em Definição de Fronteiras*, Lisboa, Presença, pp. 563-565.

DIAS, Pedro e COUTINHO, José Eduardo (2003), *Memórias de Santa Cruz*, Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra.

FRANCA, Pedro Villa; ROSA, Maria de Lurdes (2020), Configurar os espaços monásticos no feminino: inclusão familiar, protagonismo e devoção, in *O Claustro e o Século*, Ed. CONDE, Antónia Fialho et al., Évora, CIDEHUS, <https://doi.org/10.4000/books.cidehus.10221>.

GOMES, Saul António (2005), Ideologia e representação nas práticas das chancelarias concelhias medievais portuguesas, in *O poder local em tempo de globalização. Uma história e um futuro. Comunicações*, Viseu, Palimage.

GOMES, Saul António (2007a), *In Limine conscriptionis. Documentos, chancelaria e cultura no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Séculos XII a XIV*, Viseu, Palimage Editores e CHSC da Universidade de Coimbra.

GOMES, Saul António (2007b), Sigillis abbatis et conventus muniantur. A sigilografia cisterciense medieval em Portugal, in *Signum. Revista da ABREM*, 9, São Paulo, pp. 9-52.

- GOMES, Saul António (2008), *Imago & Auctoritas. Selos Medievais da Chancelaria do Mosteiro de Alcobaça*, Coimbra, CHSC e Palimage.
- GOMES, Saul António (2012), *Introdução à Sigilografia Portuguesa. Guia de Estudo*, 2ª ed., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- GOMES, Saul António; REDOL, Pedro (2014), Os antigos sinos do Mosteiro da Batalha, in *Boletim do Museu da Comunidade Concelhia da Batalha*, 3, pp. 20-21. [Acessível em linha em: <http://www.museubatalha.com/boletim>].
- IGNACIO RODRÍGUEZ (2018), José, *El Patrimonio heráldico de la Orden Cisterciense en Portugal*. (Prefácio de Miguel Metelo Seixas), São Cristóvão de Lafões – Arouca, Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões e Real irmandade da Rainha Santa Mafalda.
- MENDES, Tiago de Sousa; HENRIQUES, António Castro (2015), Ffeuras & Sinaees III – A Heráldica do Mosteiro de Almoester, *Armas e Troféus*, 32, pp. 79-100.
- MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa (2001), *Um Mosteiro Cisterciense Feminino: Santa Maria de Celas (Século XIII a XV)*, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- PINHO, João Carlos Santos (2008), *Freguesia de Eiras: a sua História (Do Século Décimo ao Séc. XXI)*, Eiras-Coimbra, Junta de Freguesia de Eiras.
- RIBEIRO, Ana Isabel (2005), *A Comunidade de Eiras nos finais do séc. XVIII. Estruturas, redes e dinâmicas sociais*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- SEBASTIAN, Luís (2008), *Subsídios para a História da Fundação Sineira em Portugal. Do sino medieval da Igreja de São Pedro de Coruche à actualidade*, Coruche, Museu Municipal de Coruche.
- TÁVORA, Luís Gonzaga de Lancastre e (Marquês de Abrantes) (1983), *O Estudo da Sigilografia Medieval Portuguesa. I: Panorama dos estudos sigilográficos no nosso País e normas para a sua sistematização. II: Esboço de um Corpus Esfragístico Medieval Português*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- TEIXEIRA, Francisco (1992), *O Mosteiro de Santa Maria de Almoester*, Santarém, Câmara Municipal de Santarém.



Fig. 1: Epígrafe do fontenário de Eiras (1743) e brasão do antigo concelho (finais do séc. XVI). (Foto do autor)



Fig. 2: Detalhe da pedra de armas e da legenda sigilográfica. (Foto do autor)



Fig. 3: Detalhe da escultura da Virgem com o Menino. (Foto do autor)



Fig. 4: 1361.05.30: Selo do convento da abadia de Santa Maria de Celas de Guimarães (Coimbra). (ANTT: Mosteiro de Celas de Coimbra, maço 8, doc. 11). (Foto de José António Silva)



Fig. 5: Moldagem da marca emblemática quatrocentista gravada no sino de 1784 existente no Mosteiro da Batalha, na chamada Torre da Cegonha. (Fotografia de Joaquim Ruivo)